

# Uma análise bakhtiniana sobre o discurso de ódio contra nordestinos em postagens nas redes sociais após o primeiro turno das Eleições 2022

*A Bakhtinian analysis of hate speech against northeastern people in social media posts after the first round of the 2022 Elections*

Samya Semião Freitas  

samyafreitas@gmail.com

Universidade Federal do Ceará - UFC

## Resumo

A banalização do ódio e o ataque a grupos historicamente subalternizados vêm gerando uma onda de retrocessos sociais e democráticos marcada pela violência e pela prática da intolerância. Nessa perspectiva, objetiva-se analisar o discurso de ódio contra nordestinos em enunciados do universo das redes sociais digitais. Para isso, tomamos como base teórico-metodológica pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, mais especificamente as noções de cronotopo, de enunciado concreto e de apreciação valorativa, considerando-se que, a partir de uma perspectiva axiológica, constroem-se, nas redes sociais, cronotopos de ódio que favorecem a disseminação de práticas discursivas intolerantes, preconceituosas e xenofóbicas. O *corpus* se constitui de cinco postagens que circularam nas redes sociais logo após o primeiro turno das eleições presidenciais 2022. Os resultados revelam que os enunciados analisados criam e são criados por cronotopos de ódio contra uma parcela da sociedade, que fortalecem a filiação ideológica e o sentimento de pertença de grupos apoiadores de Jair Bolsonaro em ambiente virtual. Além disso, esses enunciados contribuem para um projeto enunciativo que visa a inferiorização do povo nordestino e uma consequente marginalização dessa parte da população, de modo a tentar descredibilizar os resultados das eleições.

## Palavras-chave

Discurso de ódio. Nordestinos. Xenofobia.

## Abstract

The trivialization of hate and the attack on historically subordinated groups have generated a wave of social and democratic setbacks marked by violence and the practice of intolerance. From this perspective, we aim to analyze the hate speech against northeastern people in utterances from the universe of digital social networks. For this, we take, as a theoretical-methodological basis, assumptions of Dialogical Discourse Analysis, more specifically, the notions of chronotope, concrete utterance and evaluative appreciation, considering that, from an axiological perspective, they are constructed, in social networks,

### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 04/11/2022

Aprovação do trabalho: 14/11/2022

Publicação do trabalho: 07/12/2022

 10.46230/2674-8266-14-9350

### COMO CITAR

FREITAS, Samya Semião. Uma análise bakhtiniana sobre o discurso de ódio contra nordestinos em postagens nas redes sociais após o primeiro turno das Eleições 2022. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.2, 2022. p. 149-162. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9350>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

chronotopes of hate that favor the dissemination of intolerant, prejudiced and xenophobic discursive practices. The corpus consists of 05 posts that circulated on social networks shortly after the first round of the 2022 presidential elections in virtual environment. The results reveal that the analyzed statements create and are created by chronotopes of hatred against a portion of society that strengthen the ideological affiliation and the feeling of belonging of groups supporting Jair Bolsonaro in a virtual environment. In addition, these statements contribute to an enunciative project that aims at the inferiorization of the Northeastern people and a consequent marginalization of this part of the population, in order to discredit the results of the elections.

**Keywords**

Hate speech. Northeast people. Xenophobia.

**Introdução**

O resultado do primeiro turno das eleições presidenciais no Brasil em 2022 foi marcado por uma acirrada disputa entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que obteve 48,4% dos votos válidos; e Jair Messias Bolsonaro (PL), que garantiu 43,2% do eleitorado. A maior diferença de votos entre os candidatos deu-se na região Nordeste, onde o ex-presidente recebeu o apoio de mais de 21 milhões da população.

Assim como aconteceu nas eleições presidenciais de 2014, quando os votos da região Nordeste garantiram a vitória de Dilma Rousseff no segundo turno das eleições presidenciais, os resultados da apuração em 2022 também geraram diversas manifestações de ódio aos nordestinos nas redes sociais. Segundo o site BBC News Brasil<sup>1</sup>, as mensagens de ódio contra os nordestinos começaram a ser disparadas em perfis e em grupos de apoio a Bolsonaro logo após a contabilização dos votos da região Nordeste garantir que Lula passasse a frente no resultado.

Conforme Pietro, Santos e Mena (2021), a polarização política no Brasil tem reforçado uma disputa de narrativas que ganha contornos cada vez mais violentos. A banalização do ódio e o ataque a grupos sociais historicamente subalternizados, como os negros, a população LGBTQIAP+<sup>2</sup>, as mulheres e os nordestinos, vêm gerando uma onda de retrocessos sociais e democráticos marcada pela prática da intolerância, a qual “vem do fato de que cada um está convencido de que seu universo é o único válido, o melhor, que constitui o único mundo verdadeiro” (DROIT, 2017, p. 66).

No entanto, Hissa (2021) defende que as narrativas político-econômicas são formas simbólicas que enunciam uma realidade criada, em meio a diversas

1 Matéria completa disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112880>. Acesso em: 04 out. 2022.

2 A sigla mais utilizada é LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual).

outras realidades, no plural. Isto é, diferentes percepções de mundo. Destaca-se que, em uma perspectiva dialógica, todo enunciado é, antes de tudo, uma posição axiológica. A valoração determina, inclusive, a escolha e a ordem de todos os elementos que possibilitam a formação do sentido (VOLOCHINOV, 2017). Assim, a apreciação valorativa (axiologia) é o elemento preponderante na configuração de uma prática de linguagem, uma vez que corresponde à posição de mundo representada no enunciado, a partir de discursos sociais que o configuram como arena discursiva. A valoração está e sempre estará ancorada em uma dimensão espaço-temporal específica (contexto imediato), embora também sofra interferência dos conhecimentos cunhados nas trocas verbais de um modo geral (contexto mediato).

Os enunciados concretos aqui analisados partem, então, de uma rede de relações dialógicas, valorativas entre autor, leitores e referente, em que as dimensões de tempo e de lugar histórico específicos se relacionam de maneira indissociável e atuam diretamente sobre o processo de produção, de circulação e de recepção dos discursos.

Neste artigo, objetiva-se analisar o discurso de ódio contra nordestinos em práticas discursivas do universo das redes sociais digitais. Para a análise dos enunciados, iremos nos apropriar de noções elaboradas pelo Círculo de Bakhtin, mais especificamente das categorias de enunciado concreto, de apreciação valorativa e de cronotopia.

O artigo organiza-se, então, em quatro seções. Além desta primeira parte introdutória, discute-se, brevemente, na seção seguinte, sobre noções da análise dialógica do discurso. Na terceira seção, realizamos a análise de cinco enunciados concretos, à luz das discussões teóricas inicialmente tecidas. Na parte final, trazemos algumas considerações tecidas a partir das análises empreendidas.

## **1 Algumas noções teóricas sobre a análise dialógica do discurso**

Para realizarmos uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), é preciso partir da premissa de que a presenticidade evoca o antes e o depois no acontecimento discursivo. Essas dimensões são reivindicadas e (re)constituídas pelo curso da interação, e compõem, pois, a concretude e a singularidade do ato verbal.

Numa perspectiva bakhtiniana, o uso da língua se efetiva a partir de enunciados, unidades reais e concretas da comunicação discursiva, que devem ser considerados na sua historicidade, para além da dimensão apenas linguística. É necessário reiterar que não se trata de descartar a análise da materialidade

linguística, reconhecidamente necessária, mas de ultrapassá-la. Adota-se, pois, uma concepção de linguagem em que a construção e a produção de sentidos são empreendidas por sujeitos historicamente situados, e cujos enunciados são acontecimentos definidos por suas condições contextuais de produção e de recepção, uma vez que

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como ele se relacionasse à parte (BAKHTIN, 2015, p. 49).

Embora essa concepção revele um diálogo entre os enunciados, as relações não se dão apenas entre eles, uma vez que “[...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 2005, p. 95).

Assim, a palavra é sempre perpassada pela palavra do outro, também é sempre a palavra do outro. Para que o enunciador constitua um discurso, ele sempre leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu, não havendo, portanto, palavra neutra, pois nossas vozes são sempre perpassadas por outras vozes.

Para Bakhtin, a compreensão responsiva tem o papel de promover o movimento dialógico entre os enunciados, e no interior destes, de forma que há um contínuo entrecruzamento de vozes entre passado e presente, o qual está também aberto a enunciados futuros. Dessa forma, o enunciado seria definido nas fronteiras das atitudes responsivas dos interlocutores, sendo produzido apenas após uma espécie de acabamento – mesmo que mínimo –, que ocorre quando o enunciador encerra seu discurso, o que possibilita a alternância e suscita a responsividade. Nessa perspectiva, o movimento de aproximação e de afastamento entre os enunciados no tempo e no espaço é possibilitado pelas relações dialógicas existentes entre eles, sendo que uma dessas relações é permitida justamente pela compreensão responsiva.

A noção de responsividade está fortemente atrelada à noção de endereçamento. Isso porque todo enunciado é dirigido a um interlocutor, ou seja, a um destinatário específico, responsável direto pela construção de sentidos, haja vista que preenche os espaços deixados pelo texto para a interação, ou seja, para as

respostas ao texto e suas relações dialógicas.

Todo enunciado também pressupõe a autoria de um sujeito situado, temporalmente e espacialmente, o qual assume uma posição que dá forma ao enunciado, ou seja, materializa uma relação axiológica. Esse posicionamento valorativo – que nunca é homogêneo e uniforme, mas agrega coordenadas múltiplas e heterogêneas – é que mobiliza o autor-criador a constituir o objeto.

Sob a perspectiva dialógica, os elementos acima dispostos estão em interação e não podem ser tomados de forma independente, mas estão imbricados, embora não se confundam; como também entram em ação para configurar o enunciado, compondo uma rede de relações.

Além disso, não há como prescindir das dimensões de tempo e de espaço, o cronotopo. Essa noção (do grego, *crónos* – tempo – e *tópos* – espaço –), adotada por Bakhtin em seus escritos, é tomada de empréstimo da matemática e da teoria da relatividade e empregada no âmbito estrito do texto literário, tendo o romance como o campo de investigação das análises cronotópicas, com o intuito de referir-se “à interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (BAKHTIN, 2018, p. 11).

Ressalta-se, porém, que o teórico russo considera o cronotopo como o ponto de partida para a análise de todo enunciado concreto, uma vez que “A linguagem é essencialmente cronotópica” (BAKHTIN, 2018, p. 227) e “(...) qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos.” (BAKHTIN, 2018, p. 236).

Essa constatação refere-se ao fato de que os aspectos extralinguísticos são também constitutivos dos enunciados, nos quais “[...] ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 2018, p. 211).

Conforme Holquist (2015, p. 50), “os cronotopos têm seu habitat natural – e único – na linguagem”, embora, por uma exigência cotidiana, essa abstração tempoespacial seja domesticada quando se dispõe no discurso. Assim, é possível afirmar que a linguagem reforça a imprescindibilidade do cronotopo para a sua constituição, pois o tempo e o espaço estão na linguagem, assim como a linguagem se inscreve num tempo e num lugar específico, possibilitando o nosso diálogo com o mundo a partir do nosso lugar único nele (HOLQUIST, 2015).

Esse posicionamento nos leva a argumentar que a mudança cronotópica partiria, então, de variações no aspecto axiológico, modelado pelas relações

dialógicas, já que “[...] toda a linguagem é um ponto de vista, uma perspectiva sócio-ideológica dos grupos sociais reais e dos seus representantes personificados” (BAKHTIN, 2014, p. 201). Assim, o tempo-espaço está inexoravelmente relacionado à percepção, pois o sujeito constrói o mundo e é construído pelo mundo cronotopicamente. “O ‘Eu’ marca o ponto entre o ‘agora’ e o ‘depois’, bem como entre ‘aqui’ e ‘lá’” (HOLQUIST, 2015, p. 51). O sujeito, portanto, constitui-se pela unicidade da experiência ancorada pelas coordenadas de um dado tempo e espaço específicos. A irrepetibilidade na prática discursiva advém justamente da impossibilidade de termos o mesmo cenário instaurado pela tríade sujeito, tempo e espaço. A essa dinamicidade, deve-se o fato de instaurarmos o diálogo com o mundo a partir do “meu” único lugar, valorando-o, tingindo-o com o material simbólico do qual disponho no meu acervo representacional.

O teórico russo faz menção também a dois tipos de cronotopo, os *cronotopos grandes*, “fundamentais, que englobam tudo”, e os *pequenos cronotopos*, os quais podem surgir ilimitadamente dentro dos cronotopos maiores (BAKHTIN, 2014, p. 357). Os cronotopos maiores, ou genéricos, definem a visão de mundo de um texto; e os cronotopos menores, específicos ou motivicos, representam visões particulares de mundo, e facilitam a assimilação da realidade atual, a qual se incorpora à produção enunciativa (BEMONG; BORGHART, 2015) e permitem um congelamento do evento.

Enfatiza-se que o cronotopo de um enunciado muda toda vez que é (re) colocado em uma determinada prática comunicativa. Na interação, sempre haverá a reconstituição dos sujeitos (eventicidade do sujeito) a partir dos horizontes interpostos pela relação cronotópica. Cada sujeito terá uma orientação espaço-temporal consubstanciada no enunciado concreto, ainda que, é claro, mobilize o feixe de parâmetros simbólicos engendrados socialmente, visto que “todas as palavras exalam uma profissão, um gênero, uma corrente, um partido, uma determinada obra, uma determinada pessoa, uma geração, uma idade, um dia e uma hora” (BAKHTIN, 2015, p. 69).

Nos enunciados aqui selecionados para análise, a partir de uma posição enunciativa – e discursiva – que se revela e se concretiza no enunciado, estabelece-se uma arena discursiva com outras vozes/outros discursos, conforme veremos na seção a seguir.

## **2 Xenofobia contra os nordestinos em postagens nas redes sociais: valorações a serviço de um projeto de dizer**

Neste artigo, o grande tempo das eleições presidenciais 2022 no Brasil

engloba cronotopos de ódio, construídos pelos posicionamentos axiológicos preconceituosos, xenofóbicos e racistas expressos em postagens das redes sociais. Nessa direção, há um cronotopo maior, englobador, o cronotopo eleitoral no Brasil, mas há também cronotopos menores, que se relacionam ao maior e entre si, e que são constituídos por sujeitos que atuam ativamente em embates políticos, e que, muitas vezes, como nos enunciados selecionados, extrapolam as barreiras da liberdade de expressão.

Optamos pela análise de cinco enunciados postados no Instagram e/ou no Twitter. Para a análise, utilizaremos algumas noções da abordagem dialógica, como as de cronotopo, de apreciação valorativa e de enunciado concreto, discutidas brevemente na seção anterior. Nessa perspectiva, os enunciados interligam-se como elos na cadeia discursiva, sendo preciso estabelecer uma relação de diálogo com o enunciado, com os destinatários, com outros discursos e com o cronotopo de produção, que retoma também cronotopos anteriores e aciona cronotopos futuros.

A seguir, apresentamos o print de uma postagem feita por uma arquiteta catarinense, de Florianópolis, nos stories de seu perfil pessoal no Instagram.

**Figura 1 – enunciado 1**



Fonte: Extraído das redes sociais.

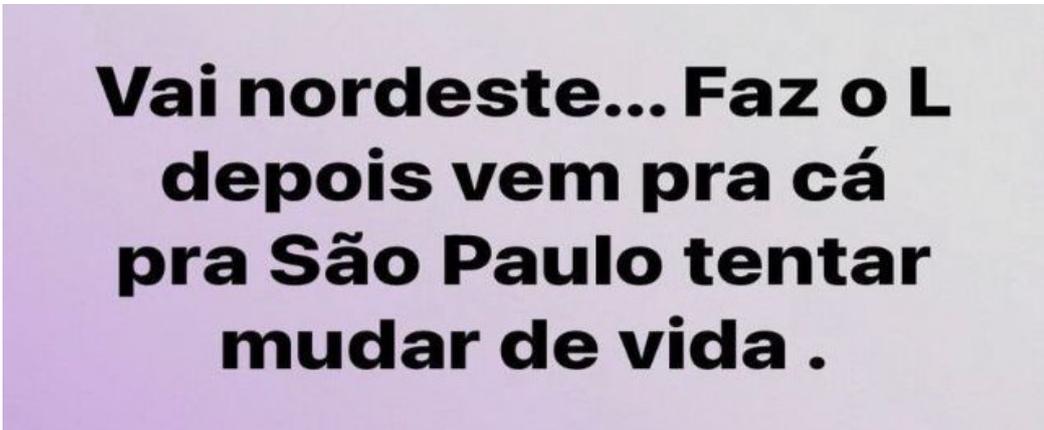
A imagem acima teve grande circulação em perfis pró-bolsonaristas, mas logo migrou também para bolhas virtuais de oposição ao então presidente, e passaram a ser repostadas como manifestações de indignação a onda de mensagens xenofóbicas replicadas em massa nas redes sociais.

Nota-se que, na postagem, à bandeira do Nordeste é sobreposta a imagem de um “X”, em menção ao seu cancelamento, como comprova o texto verbal escrito: “Cancela o nordeste”. Além disso, a arquiteta ainda menciona: “Nordeste, o resto do Brasil te carrega nas costas! Peso morto! O projeto: separa essa corja, precisa entrar em ação urgentemente!”. Observa-se que a utilização do vocativo “Nordeste” enfatiza o endereçamento do enunciado, em um caráter provocativo. O uso da expressão “carregar nas costas” e da adjetivação “peso morto” reforçam uma axiologia de inutilidade e de dependência da região a outras partes do país. Há, pois, o engajamento em um projeto de dizer marcado por apreciações de menosprezo e de desejo de emancipação dessa “corja”, escolha lexical que se refere a grupos de indivíduos grosseiros, de má índole. Exige-se, no enunciado, uma ação segregacionista que visa marginalizar a população nordestina e descredibilizar o expressivo número de votos de Lula na região.

É possível perceber que, embora não haja uma menção direta às eleições, recupera-se, cronotopicamente, o contexto extraverbal, o qual é compartilhado pelos interlocutores, assim como uma carga de valores que inserem o texto numa posição diante do mundo, atravessada pela dimensão tempo-espacial.

No enunciado a seguir, proferido por uma autodenominada influenciadora digital, já há uma menção direta à filiação do povo nordestino ao candidato Luís Inácio Lula da Silva.

**Figura 2 – enunciado 2**



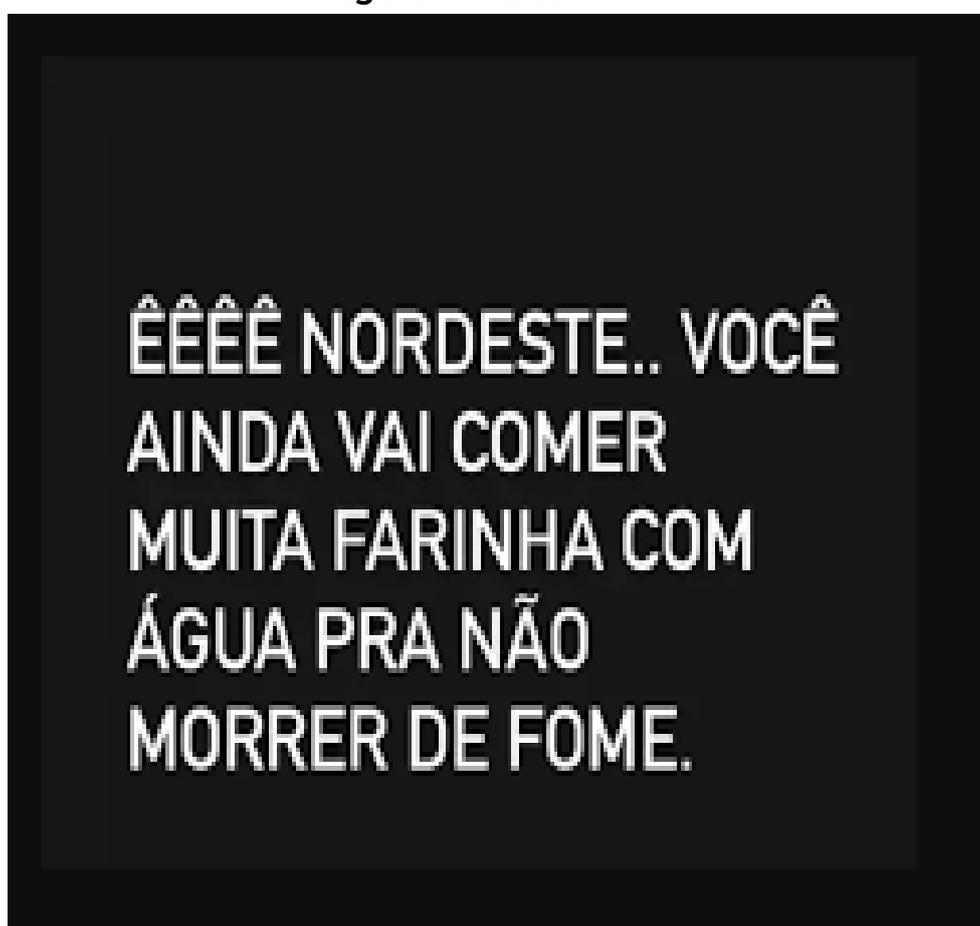
**Vai nordeste... Faz o L  
depois vem pra cá  
pra São Paulo tentar  
mudar de vida .**

Fonte: Extraído das redes sociais.

No enunciado acima, há também um chamamento ao Nordeste: “Vai nordeste...”, seguido da expressão: “Faz o L”, que é popular entre os eleitores de Lula para sinalizar o apoio ao candidato. Ironicamente, menciona-se que, após fazer o L, os nordestinos devam ir para São Paulo tentar mudar de vida. Há, pois, uma clara influência ao fator histórico da migração nordestina, o que traz um horizonte social de que não haveria condições de vida na região, por ser, por exemplo, uma área pobre e de seca que necessita de assistencialismo de áreas mais ricas do país, como o estado de São Paulo.

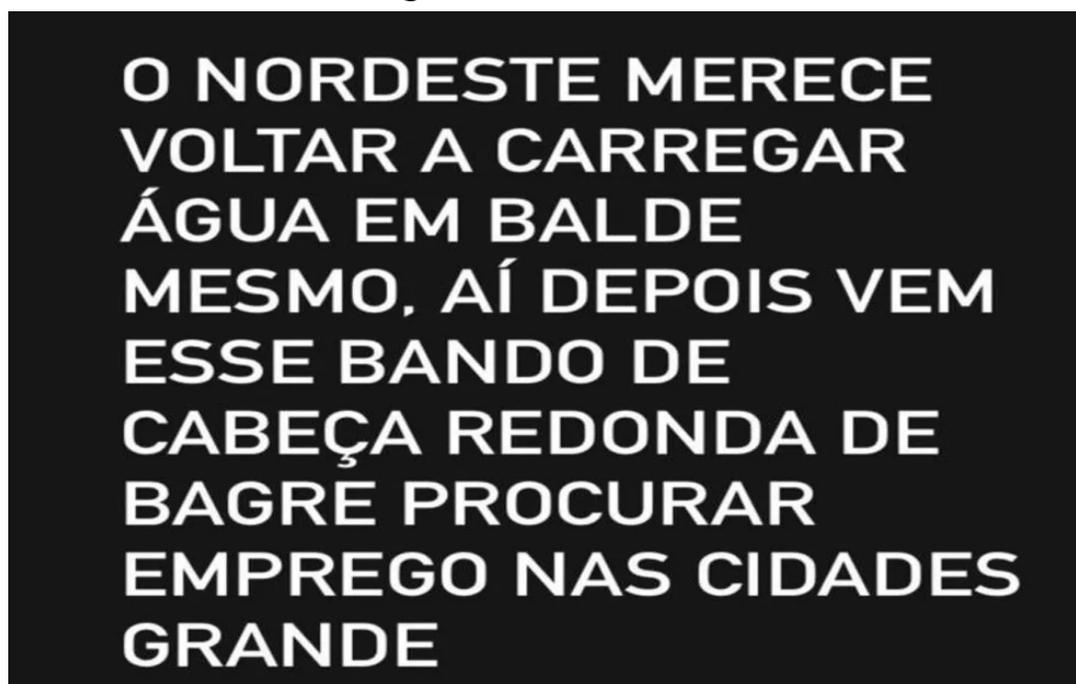
Essa perspectiva, inclusive, está presente em outros enunciados proliferados nas redes sociais, como os dois enunciados a seguir.

**Figura 3 – enunciado 3**



Fonte: Extraído das redes sociais.

Figura 4 – enunciado 4



Fonte: Extraído das redes sociais.

Na figura 3, também há uma provocação direta aos nordestinos, em um alerta de que esse povo ainda vai comer “muita farinha com água para não morrer de fome”. Esse enunciado é tingido por uma percepção do povo nordestino como sofredor, e que enfrenta massivamente a questão da insegurança alimentar, mencionando-se, para essa referência, um dos símbolos da gastronomia na região, a farinha, mas em alusão a uma prática alimentar comum da população no período das grandes secas já enfrentadas no Nordeste. O enunciado aponta para uma prospecção de que povo nordestino vai continuar sofrendo da mesma forma que tem sofrido historicamente, e que esse sofrimento seria fruto do posicionamento político-ideológico da região, que garantiu a vitória do ex-presidente Lula no primeiro turno das eleições presidenciais.

Ressalta-se que as axiologias são diversas, mas são construídas na dinâmica tempo-espacial, e são compartilhadas por diferentes grupos sociais que participam da rede discursiva, e que constroem uma posição axiológica cronotopicamente situada. No caso, nota-se a retomada de preconceitos historicamente enraizados contra a região e até mesmo o desejo de que, em cronotopos futuros, essa população continue a passar por dificuldades. É importante lembrar de que Bolsonaro já proferiu diversos enunciados preconceituosos contra o povo nordestino, nos quais ele se refere a essa parcela da população como analfabeta, dependente de programas assistenciais, cabeçuda etc. Dessa forma, a manifes-

tação de eleitores do candidato do PL contra a população nordestina nas redes sociais reforça a inscrição dessa parte do eleitorado no grupo social de apoio ao presidente, que assume uma postura preconceituosa, intolerante e até mesmo fascista, contribuindo para a proliferação de narrativas ofensivas falseadas de liberdade de expressão.

No enunciado presente na figura 4, postado nas redes sociais por um usuário anônimo, há o seguinte texto verbal: “o Nordeste merece voltar a carregar água em balde mesmo depois vem esse monte de cabeça de bagre procurar emprego nas cidades grande”. Retoma-se aqui a dificuldade enfrentada pelo nordestino quanto ao acesso à água. É preciso mencionar que um dos maiores embates dos candidatos Lula e Bolsonaro nos debates televisivos tem sido a disputa de quem teria, de fato, realizado a reforma de transposição das águas do Rio São Francisco. Na perspectiva de um eleitor de Bolsonaro, negar voto a quem, supostamente, “garantiu” o acesso à água seria passível de que esse recurso seja negado. Há o uso de uma expressão popular depreciativa, “cabeça de bagre”, que significa bobo, tolo ou idiota. Essas adjetivações contribuem para inferiorizar os nordestinos e para tentar deslegitimar os resultados das urnas.

Observe a figura a seguir.

**Figura 5 – enunciado 5**



Fonte: Extraído das redes sociais.

No enunciado acima, a região nordeste aparece destacada no mapa do Brasil pela cor vermelha e pelo uso da expressão “Cuba do Sul”, que se tornou um dos assuntos mais comentados no Twitter logo após a divulgação do resultado das urnas no primeiro turno das eleições presidenciais 2022. Essa escolha deve-se ao fato de os apoiadores do candidato Bolsonaro afirmarem que o Nordeste, aliado ao ex-presidente Lula, pretende transformar o Brasil em uma nova Cuba, em uma referência à crise econômica e ao comunismo desse país. Nota-se que, no enunciado, apenas as demais regiões do Brasil são identificadas como pertencentes ao país. É importante salientar que as escolhas de cores empreendidas resgatam simbologias da polarização política no país, como o uso das cores da bandeira para representar identitariamente o bolsonarismo, e o vermelho em menção ao Partido dos Trabalhadores (PT). Ao desvincular a região Nordeste do restante do país, busca-se fortalecer um discurso de desvalidação da opinião dessa parte da população.

Os posicionamentos valorativos representados são constituídos a partir de um tempo histórico e de um lugar de fala específicos, os quais se fundem, construindo o enunciado e se revelando cronotopicamente. A dimensão cronotópica atua, então, diretamente sobre a responsividade dos enunciados, uma vez que os sujeitos, historicamente situados, atuam responsivamente e de maneira ativa, de forma a recuperar e a estabelecer as relações dialógicas instauradas, sendo o enunciado o elo entre essas relações. Os enunciados analisados são um exemplo dessa tensão.

Reitera-se que esses enunciados se reverberam e estabelecem também relações com novos enunciados. Os interlocutores podem, por exemplo, se manifestar nas redes sociais em que esses enunciados circulam (através de curtidas, compartilhamentos e comentários) de forma favorável ou não a eles, mas sempre situados cronotopicamente. Responsivamente, como leitores, a partir de um novo enquadre cronotópico (responsividade), nós também reagimos ao enunciado e elaboramos um novo elo na cadeia estabelecida. Nesse sentido, diversas postagens e movimentos em defesa ao povo nordestino foram criados, inclusive, com o objetivo de identificar e de criminalizar os autores das postagens, uma vez que o discurso ou a prática de xenofobia é crime.

A partir da análise empreendida, nota-se que os enunciados retomam sujeitos, os quais se constituem por meio da linguagem e, também, compõem o enunciado, pois são sujeitos situados no tempo e no espaço. Em uma relação dialógica, o outro baliza as escolhas discursivas, ou seja, influencia a operação axiológica na construção do todo, a qual também se apoia diretamente sobre as

dimensões tempo-espaciais.

Nos enunciados analisados, a partir de uma perspectiva axiológica, constroem-se, nas redes sociais, cronotopos de ódio que favorecem a disseminação de práticas discursivas intolerantes, preconceituosas e xenofóbicas. Isso porque, algoritmicamente, proliferam-se narrativas identitárias que tendem a se autorreproduzir, fortalecendo discursos de intolerância e a dicotomia “nós/eles” (HISSA, 2021).

### **Considerações finais**

Com o objetivo de analisar o discurso de ódio contra nordestinos em enunciados do universo das redes sociais digitais, elegemos cinco enunciados concretos que circularam em grupos nas redes sociais e em portais de notícias. Ao tomarmos a teoria dialógica como referencial teórico-metodológico, foi possível perscrutar possibilidades de significação, estabelecendo relações dialógicas entre as apreciações valorativas e as dimensões tempo-espaciais dos enunciados analisados.

Isso porque o tempo e o espaço são também uma construção das percepções humanas, do imaginário do indivíduo e da coletividade. Nas trocas simbólicas, haverá filiações (parciais ou totais), nossos juízos de valores serão atualizados, balizados, pelo nosso engajamento nas práticas sociais em uma dada condição espaço-temporal.

No *corpus* investigado, é nítida a influência do cronotopo sobre a construção discursiva. Nota-se que a construção da apreciação valorativa é determinante da enunciação e atua diretamente sobre a circulação dos diversos discursos. Além de buscarem a validação de seus pares, em seus cronotopos de ódio, os enunciados analisados interagem ainda com sujeitos que partilham de diferentes posicionamentos valorativos, e diferentes cronotopos, com o intuito de provocar, de ofender e de minimizar a população nordestina.

Os resultados revelam que os enunciados analisados criam e são criados por cronotopos de ódio que fortalecem o sentimento de pertença dos grupos apoiadores de Jair Bolsonaro em ambiente virtual. Além disso, esses enunciados contribuem para um projeto enunciativo que visa a inferiorização do povo nordestino e uma conseqüente marginalização dessa parte da população, de modo a tentar descredibilizar os resultados das eleições presidências.

## Referências

- BAKHTIN, M. (1950). **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 211-362.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**: a estilística. Trad. prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.
- BAKHTIN, M. **Teorias do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BEMONG, N; BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. *In*: **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Oziris Borges Filho, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 16-32.
- BRAIT, B. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p. 69-92.
- DROIT, R. **Tolerância**: O que é? Por que é importante? É possível nos dias de hoje? Como educar para a tolerância? Trad. Patricia Reuillard. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- HISSA, D. Desmediatização, infodemia e fake news na cultura digital. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, p. 40-67, 2º quadrimestre de 2021.
- HOLQUIST, M. A fuga do cronotopo. *In*: **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Trad. Oziris Borges Filho, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 34-51.
- MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoievski. *In*: **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Trad. Oziris Borges Filho, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 118-139.
- PIETRO, E. de; SANTOS, T. S.; MENA, T. O cenário político brasileiro e as disputas de hegemonia nos planos ideológico e discursivo. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, p. 129-157, 2º quadrimestre de 2021.
- VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

## Sobre a autora

**Samya Semião Freitas** - Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC-CE). Fortaleza-CE. E-mail: samyafreitas@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0040598861536298>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0701-6051>.